



Considerações de Lóïc Wacquant e Lúcio Kowarick acerca da discriminação na cidade contemporânea.

Ana Estela Vaz Xavier
Mestranda em Sociologia pela UFPel

O propósito desta resenha é o de interconectar as obras dos autores Lóïc Wacquant e Lúcio Kowarick, com o objetivo de apontar as semelhanças de seus estudos, dedicados a compreensão da formação socioespacial delimitada, racial ou culturalmente uniformizada, tratando das questões urbanas sob os signos da vulnerabilidade e da exclusão. As obras destes autores possuem relevância na produção sociológica dos estudos da cidade e da segregação social, pois tratam do processo de migração dos pobres para os espaços sociais discriminados nas cidades, onde a ausência de garantias sociais, decorrentes dos processos urbanos resulta na expulsão dos menos privilegiados para ceder espaço aqueles que possuem um maior poder aquisitivo, expondo-os a desigualdades, injustiças, desvantagens socioeconômica e civil, bem com ao desemprego e a criminalidade. Wacquant e Kowarick trabalham com a problemática da urbanização excludente, com a segregação forçada de uma população estigmatizada nas metrópoles contemporâneas.

O sociólogo francês Lóïc Wacquant em *Os condenados da cidade*, estudo sobre a marginalidade avançada, trata da formação e das mudanças dos guetos nos Estados Unidos, em especial na cidade de Chicago, expondo a trajetória dos negros em decorrência dos processos urbanos. No país, inicialmente, a repressão e a violência praticada era pelos brancos contra os negros, que buscavam obter direitos constitucionais elementares que os empoderassem, hoje, no entanto, há negros moradores dos guetos preocupados com a violência dos próprios negros destes locais. Nos anos 60, durante a turbulência racial, o *soul* ganhou prestígio, como movimento nacional do negro urbano de classe baixa, enquanto, na década de 70, os manifestantes e ativistas negros visavam o controle do destino de sua comunidade, portanto, nesta onda de autoafirmação e orgulho raciais foi que surgiram as *underclass*, pobres das minorias,



caracterizados pela deficiência comportamental e pelo desvio cultural. No entanto, o *hipergueto* dos anos 80-90, que é "produto de uma transformação da articulação *política* da raça, classe e espaço urbano tanto no discurso quanto na realidade objetiva" (WACQUANT, 2005, p. 50), possui uma formação socioespacial delimitada, racial, calcada na expulsão forçada de uma população negativamente tipificada. Os habitantes do gueto sob as condições opressivas e depressivas que sobrevivem, procuram obedecer a uma *racionalidade social* que se alimenta de experiências passadas e se ajusta bem ao seu contexto e possibilidade socioeconômica imediatos (WACQUANT, 1992a. In: WACQUANT, 2005, p. 54). A estrutura social do gueto é baseada na marca racial e dualidade do espaço, que se organizou em torno de pequeno recurso em resposta à necessidade econômica, à insegurança social, a hostilidade racial e a estigmatização política, tornando-se assim um modo *diferentemente organizado*, de acordo com Wacquant.

Os guetos da geração pós-fordista nos EUA são a escala absoluta e a "intensidade do colapso sofrido pelo centro do gueto" (WACQUANT, 2005, p. 55), as zonas centrais foram degradadas, tornaram-se áreas de insegurança e violência, dando maior pavor àqueles de nível de situação econômica e dificuldade social mais baixa num processo de exclusão econômica. A formação do gueto se deu através da instituição de *exclusão racial* (início do séc. XX), pois foi alvo de desemprego, crime, atraso educacional e outros problemas sociais, neste caso os negros foram submetidos a segregação forçada e ao confinamento racial. Sendo assim, a guetização atual é espacial e institucionalmente diferenciada e descentralizada de um núcleo urbano em expansão, decadente e, por outro lado, de bairros-satélites de classe média e trabalhadora, localizados na periferia das cidades, nos subúrbio segregados, adjacentes ao chamado Cinturão Negro. Nas antigas áreas comerciais do centro da cidade de Chicago, hoje, pode-se presenciar prédios abandonados, terrenos de lixões, calçadas danificadas, igrejas com suas fachadas destruídas, enfim, são quilômetros de bairros decadentes que se deterioraram dos anos 60 aos 70.

A vida cotidiana do gueto atual é constituída pelo perigo e insegurança vivida pelos moradores e transeuntes em todos os espaços públicos ou privados, em razão do aumento da taxa de crimes na década de 80, decorrente da disseminação de drogas e de



armas de fogo. Razão pela qual, muitas das estações de trem foram fechadas no intuito de diminuir o crime, ao custo de submeter seus moradores à falta de transporte público. As escolas dependem de pais de estudantes patrulhando os pátios e arredores a fim de garantir um mínimo de segurança, pois o gueto de hoje *não é um lugar para se ser criança*¹. Löic Wacquant pesquisa e entrevista diversas pessoas, obtém relatos que confirmam o estudo sobre a brutalidade no gueto, tornando os negros símbolos de perigo amplamente reconhecidos, ao ponto de serem rotineiramente, impedidos de chegarem às zonas habitadas por brancos. No gueto houve redução na habitação, em decorrência da baixa qualidade das construções, dos incêndios criminosos, da negligência causada por programas de renovação urbana que mais derrubaram moradias do que construíram, acarretando uma superlotação em habitações inadequadas no centro da cidade.

Após o final da segunda guerra, surgiram os bairros para a população de classe média negra, levando a dispersão do gueto e diferenciação de classe, causando problemas na formação da identidade negra. Com a intenção de manter a segregação negra, o governo assegurava que todas as moradias públicas fossem construídas apenas nas áreas dos guetos existentes, locais onde somente os mais desprivilegiados suportariam viver. Na década de 70, *“a linha da cor urbana tinha sido efetivamente retraçada ao longo da linha de classe”* (WACQUANT, 2005, p. 61), passando o Centro histórico do Cinturão Negro a concentrar o maior número de desempregados e dependentes, enquanto a classe média e trabalhadora negra mais estável residia nos bairros da periferia da cidade.

O comércio marginal, formado por atividades informais e ilegais, como meio de sobrevivência, se torna comum no gueto, em razão do desemprego, da falta da assistência pública e do subemprego. As estratégias de sobrevivência dos pobres variam, desde o tráfico de drogas para *ganhar dólar* ou buscar um dispensário para obter comida, pois a desnutrição é algo comum no gueto. As crianças do gueto são as grandes vítimas, obrigadas a obter renda muito cedo, elas podem ser vistas em vários locais praticando serviços informais ou funções consideradas marginais. Portanto, *tudo*

¹ Título do livro que compara o centro de Chicago aos campos de refugiados de Camboja.



é possível para sobreviver no gueto, desde assalto a mão armada, prostituição, jogo, etc. Suas atividades são uma espécie de pequeno empresariado que podem empregar a força física e um conhecimento funcional do mundo das ruas, de acordo com Wacquant (1992 a). Para os adolescentes do gueto, o tráfico de drogas é a única forma de negócio que eles vislumbram, com virtude adicional de ser um empregador que oferece *oportunidades iguais* (WILLIAMS, 1989; SULLIVAN, 1989, cap. 7, In: WACQUANT, 2005, p. 68), sendo o impacto da economia das drogas terrivelmente destrutiva para a comunidade do gueto, ainda assim é o trabalho subterrâneo² e predatório dos moradores do gueto.

A hiperguetização envolve fatores econômicos e políticos, levando ao que se pode chamar de *apartheid* urbano, que provoca o aumento da pobreza na zona central, já que o simples fato de morar no gueto é uma desvantagem adicional pelo estigma ali instalado, signo utilizado pelos empregadores para separar os bons dos maus negros. Por este viés, "a linha da cor é resultado, em primeiro lugar, da persistente dualização do mercado residencial segundo linhas raciais" (FARLEY, 1973; BERRY, 1979, In: WACQUANT, 2005, p. 76).

Na obra de Lúcio Kowarick, professor da Universidade de São Paulo (USP), *Viver em risco, sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*, o autor busca compreender as questões urbanas sob o signo da vulnerabilidade e da ausência de garantias sociais, ele se propõe mostrar como se apresentam os diversos perfis da cidade de São Paulo, desenhados a partir de narrativas de personagens que encenam os dramas do cotidiano, por eles vividos nos cortiços do centro da cidade, em moradias distantes do centro, bairro distante da periferia e também em favela situada na zona oeste da cidade de São Paulo. O autor observa o modo como uma urbanização excludente e predatória persistente se atualiza e se configura na São Paulo dos anos 2000.

Os sentidos de viver e morar na cidade de SP vão dando significação a cada uma das situações, que, em contraponto, buscam compreender porque "morar aqui e não lá" (VERA TELLES, prefácio, KOWARICK, 2009, p.10). Os moradores dos cortiços consideram ser melhor morar no centro, mesmo habitando em péssimas condições

² mundo do crime



nestes locais, do que *amassar barro nas periferias*, dizem eles. Enquanto, nas periferias da cidade, o contexto é outro e na ótica de seus habitantes é melhor se submeter ao difícil deslocamento e o acesso aos serviços básicos, assim como a autoconstrução das suas moradias do que ao pagamento do aluguel e do que se sujeitarem a desordem e a violência presentes nas favelas. Os cortiços e as favelas que são vistos como punição para aqueles que não conseguem garantir um lugar melhor no mundo, vão sinalizando e dando sentido ao fato de *viver em risco* nas periferias urbanas.

Por sua vez, os moradores das favelas, na maioria aqueles que chegam a cidade grande (SP), ali vislumbram a possibilidade da casa própria, mesmo sem estabilidade, optam por passar a vida na favela, contando com as vantagens de ter moradia de baixo custo e cientes das desvantagens acarretadas pelos estigmas, além da submissão à ameaças de vida, identificadas pela violência local. De acordo com Lúcio Kowarick, nas periferias, ocorreram melhorias de habitabilidade, a paisagem é heterogênea e diversificada, são locais contíguos ao centro da cidade.

Entre 1930 e 1980 houve massivo deslocamento de moradores do campo e de pequenos aglomerados para as grandes metrópoles, como a Grande São Paulo, em busca de melhores condições de vida, que implicou no desenraizamento social e econômico dessas pessoas. Para Kowarick, o fenômeno urbano do sistema produtivo como um processo social que engloba a marginalidade urbana, além da lógica da *desordem* da expansão paulistana, viabiliza a sobrevivência nas favelas, pois a vida urbana na periferia e nas favelas se dá nas trocas e interações entre os pequenos serviços locais, assim como na criminalidade.

Hoje, existem projetos de *revalorização urbana* que visam uma cidade segregada e disciplinada e, de outro lado, *o direito à cidade*, vocalizado pelos movimentos sociais, associações, fóruns, que vão articulando a população diversificada. É, pois, no centro nervoso e pulsante da cidade de São Paulo, que estão os confrontos, as exigências e reivindicações de moradia e direitos sociais, na dimensão estruturante das dinâmicas urbanas e suas evoluções no tempo, é o lugar dos atores em ação, nos contextos urbanos.

Lúcio Kowarick toma as questões brasileiras da consolidação democrática em oposição à vulnerabilidade em relação aos direitos básicos, sociais e civis, perante o



bloqueio à universalização dos direitos civis e sociais, que Vera Telles muito bem nomeia de "cidadania truncada" (p.16). Quando estuda o Brasil, da década de 90, com o aumento do desemprego, da vulnerabilidade social e da precarização do trabalho, ao falar sobre os sobrantes do mercado de trabalho, que vivem a experiência do desenraizamento deste universo, no cenário das cidades que apresentam desigualdades e injustiças sociais, o autor retoma o conceito de *desfiliados* utilizado por Robert Castel, nos anos 70, durante a crise da sociedade salarial na França, que se referia aos personagens da crise da malha de direito e garantias sociais construídos na relação salarial.

Após a leitura dos textos de Lóic Wacquant e Lúcio Kowarick, é possível observar semelhanças no que diz respeito à formação forçada dos espaços sociais discriminados. Ambos fazem referência aos centros urbanos, pós-revitalização, quando passa a prevalecer o interesse privado, com menos investimentos na classe popular, com o fim de pressionar o pobre a sair do centro da cidade. A vulnerabilidade social e a ausência de direitos são pontos cruciais nos estudos apresentados pelos autores que identificam estes fatores como determinantes nos grupos segregados dentro das metrópoles contemporâneas.

Referências Bibliográficas

WACQUANT, Lóic. **Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada**/ Lóic Wacquant, (tradução de, João Roberto Martins Filho...et al.).- Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001. 2ª edição setembro 2005.

WACQUANT, Lóic. **Las dos cara de un gueto. Ensayos sobre marginalización y penalización**- 1ª ed.- Buenos Aires: Siglo Veintiuno. Editores, 2010.//224p.; 21x14 cm.- (Sociología y Política).

WACQUANT, Lóic. **Parias Urbanos: marginalidad en la ciudad a comienzos del milenio**- 1ª ed.- 3ª reimp.-Buenos Aires: Manantial, 2010. 204 p.: 20x14 cm. Traducido por Horacio Pons.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**/Lúcio Kowarick; fotografias de Antonio Saggese.- São Paulo: Ed. 34, 2009.320 p.